Jiddu
Krishnamurti
O Caminho
Leitura
Fundamental
ANTES DE SERMOS HINDUS, MUÇULMANOS OU CRISTÃOS,
SOMOS ACIMA DE TUDO SERES HUMANOS
Krishnamurti

J. Krishnamurti

O CAMINHO

Z.C.

Primeira Parte

Nem uma nuvem no céu, nem um sopro no ar; inexoravelmente, o sol derrama os raios de fogo. E estou sozinho no caminho. Em redor, planícies que se estendem longe, até ao horizonte. Nenhum caule de erva, nenhuma flor respiram neste solo desolado. Nele, tudo está murcho, queimado, e fala com angústia do sofrimento inexprimido e inexprimível dos séculos volvidos. Nessas vastas extensões, nem uma única árvore à sombra da qual uma florinha delicada pudesse alegremente desabrochar, negligenciando os raios assassinos do sol. Até mesmo o solo se entreabre desesperadamente. O céu perdeu o seu delicado tom de azul; adquiriu uns laivos de chumbo devido ao calor tórrido de todos os séculos que atravessou.

No entanto, este céu deve ter derramado uma chuva benfazeja; esta terra deve tê-la absorvido, estas plantas mortas, estes tufos lançados desorde-

nadamente para ali, estes fios de erva ressequidos, devem outrora ter saciado a sede. E estão todos mortos, neste momento, mortos sem esperança de renovação possível. Há quantos séculos terá então caído essa bela chuva? Não saberia dizê-lo. Estas pedras escaldantes também não se recordam do tempo em que foram felizes sob a chuva, assim como esses fios de erva ressequidos, do tempo em que estavam húmidos de orvalho. Tudo pereceu, pereceu sem esperança. Nem um som. Reina apenas um silêncio terrível, angustiante, interrompido, de onde em onde, pelo gemido do imenso sofrimento ambiente; então, a terra estala e uma poeira sem vida redemoinha. Nenhum ser vivo respira este ar asfixiante; tudo o que vivia outrora, sucumbiu. Ao lado do caminho, o rio largo secou, aquele que nos primeiros tempos do mundo corria tão jovial, levando, no seu caudal límpido, alegria e frescura; e o seu leito já nem se lembra de ter arrastado ondas benfazejas onde nadavam peixes de cores matizadas. Jazem ali os delicados esqueletos brancos dos peixes mortos, hoje expostos à luz ofuscante. As planícies estão juncadas de todos essses vestígios das criaturas que estavam vivas em séculos passados, e jamais a pulsação feliz da vida poderá voltar a fazer-se sentir aqui. Tudo acabou, tudo se consumiu; a morte prendeu na sua garra cruel todos os

seres vivos, sim: todos, excepto eu.

Estou sozinho no caminho; não há ninguém à minha frente; talvez haja muitos peregrinos atrás de mim; mas não é meu desejo dirigir o meu olhar para trás, nem ver o horror dos sofrimentos do passado. De cada lado desta vereda, a vereda da minha vida, que me parece interminável, um semblante triste, um semblante de desolação, suplica-me incessantemente que me associe à sua miserável vida de quietude ilusória. À minha frente, o Caminho estende-se, légua após légua, ano após ano, século após século, muito branco sob a luz do sol implacável; o caminho sobe continuamente de uma forma insensível. O brilho desta vereda que mata sob o sol flamejante cega-me, e procuro onde repousar os meus olhos cansados. Mas nada existe além deste imenso braseiro de luz ofuscante! O sol nunca se põe; derrama implacavelmente o seu calor tórrido. O caminho não é todo igual; aqui e além há partes tão unidas como a superfície de um lago num dia calmo e sereno. Esta vereda é então propícia ao caminhante, mas subitamente, como uma trovoada contida que de repente rebentasse triunfante em sua obra de destruição, o caminho afunda-se e torna-se impraticável aos pés já ensanguentados do peregrino. Não saberei dizer quando voltará a ser suave e clemente; talvez na próxima volta ou apenas após muitos anos

de tormentos e provações! O caminho abrupto não se preocupa nada, se causa dor ou alegria; ele está ali para eu o percorrer penosamente, quer queira quer não. Quem teria traçado este caminho de infelicidade? Não sei. E o caminho não pode dizer o seu nome. Existe há incontáveis séculos, ou melhor: há milénios. Ninguém além de mim o percorreu; foi traçado para mim, para eu andar nele sozinho. Recentemente, tive companheiros, amigos, irmãos, irmãs, pais, mães, mas eles não podem caminhar junto a mim neste caminho fatal. Esta vereda é como o amante exigente e ciumento que sofresse por a sua amada ter outros amigos ou outros amantes além dele. O caminho é o meu inexorável amante; guarda ciumosamente o meu afecto e confunde todos os que quereriam acompanhar-me ou ajudar-me. Exigente em todas as coisas, pequenas ou grandes, nunca desvia de mim o seu olhar, cruel e fascinador. Estreita-me com uma força que quase me magoa e ri com uma ternura significativa quando os meus pés começam a sangrar. Não consigo afastar-me dele; ele é o meu único e constante amor. Não consigo dirigir o meu olhar para outro lado que não esta longa, esta interminável vereda. Por vezes, ela não é nem amena nem descortês; mostra-se indiferente ao meu destino. Esteja eu afortunado ou desditoso, sofredor ou extasiado, mergulhado na

tristeza ou num estado de plenitude...nada a move. Ela bem sabe que não posso deixá-la, vereda cativante, e que não pode separar-se do meu "Ser" prostrado de tristeza. Somos inseparáveis; ela não pode existir sem mim, nem eu sem ela. Nós somos um só, embora eu seja diferente dela. Por vezes, como o sorriso de uma suave manhã de primavera, a vereda convida-me a percorrê-la, e outras vezes, como o Oceano irritado e pérfido, engoda-me nas minhas felicidades passageiras. Quando caio, soergue-me com um abraço amigo, fazendo-me esquecer a amargura e os sofrimentos do passado, beijando-me como uma mãe terna e amorosa cujo único pensamento é o de proteger o seu filho; mas mal entro num estado de inconsciência feliz ou me perco em devaneios, como se tivesse bebido longos tragos na fonte da felicidade suprema, com um choque brusco acorda-me do meu sonho feliz e efémero e assenta-me rudemente de novo nos meus pés pisados.

É cruel e encantador, o meu amigo solitário, meu amante... Se bem que me trate ora com a sua tirania habitual, ora com um amor sem igual, continua a ser o meu único companheiro, e não desejo nenhum outro. O sol queima-me e a vereda fere-me. Os meus passos não deixam marcas no difícil caminho e não vislumbro qualquer traço de outro ser humano. Assim, vendo que sou o único

amante da minha Vereda, vou na minha exclusividade e na minha separatividade, glorificando-me na minha alma por este privilégio. Sofro mais que ninguém; exulto mais que ninguém e a minha obstinação em amá-la é diferente de tudo o que o mundo alguma vez conheceu. Na minha adoração, falta-me o fôlego e nenhum amante poderá oferecer-lhe os seus sacrifícios com um entusiasmo mais delirante que o meu. Até as suas crueldades impelem-me a prezá-la ainda mais e a sua ternura liga-me mais estreitamente a ela para toda a eternidade. Vivemos um para o outro; só eu posso entrever o seu querido rosto e beijar-lhe a mão. Ela não tem outro amante ou outro amigo senão eu. Tal como o passarito que, para desfrutar da liberdade do extenso mundo, se lança do ninho antes de ter experimentado as asas, assim eu me precipitei neste Caminho para desfrutar da doçura do seu amor, na solidão e longe de todos os olhares.

Os ventos de inumeráveis estações fizeram-me voltear como folha morta, lançada daqui, dali, pelas rajadas de Outono, e no entanto sempre os meus passos errantes encontraram a sedutora Vereda. Como a onda que dança no esplendor infinito e radioso do Sol, assim eu dancei no ímpeto dos ventos desenfreados; como o deserto que não está limitado por nenhuma cadeia de montanhas,assim eu fui exposto ao Sol.

Tais foram as minhas vidas. Nunca as delícias de um aprazível repouso serenaram a minha alma, penetraram até ao meu verdadeiro Ser, e nunca fui reconfortado. Nunca um sorriso aquietou a minha impaciência, nunca um rosto amante ministrou um bálsamo ao meu coração dorido; nunca uma palavra doce veio aliviar a minha indizível angústia. Nunca o amor de uma mãe, de uma mulher ou de um filho apaziguou o ardor da minha sede de amar, todos se apartaram de mim, e eu a todos abandonei.Sem que se condoessem de mim, vagueei sozinho, como um leproso. A dor e a amargura foram as minhas companheiras eternas e inseparáveis. Como uma sombra, a minha mágoa seguia-me, e nesta dor sem tréguas derramei muitas lágrimas amargas. Aspirava frequentemente à morte e ao vazio, mas nem tal me era concedido. Vi muitas vezes a face hedionda da morte que me despedaçava o coração, e acolhia de braços abertos aquela que era o terror de tantos homens, mas ela sorria-me então e benzia-me. Cansado de desejar a morte, virei os meus olhos e os meus passos para os altares do amor e da adoração, mas pouco consolo encontrei neles. Muitas vezes fiquei mergulhado numa adoração muda; mas, tal como o perfume delicado de uma flor, a minha adoração atravessava os séculos e eu continuava sem apaziguamento, de joelhos magoa-

dos. Quantas vezes depus flores odoríferas aos pés dos ídolos venerados, sem receber uma benção! Quantas vezes sacrifiquei aos numerosos deuses de todos os países e de todas as raças, e os deuses sempre se conservaram mudos, de olhos desviados de mim! Fui muitas vezes o seu sacerdote nos templos sagrados, mas a minha veste branca caía-me dos ombros e eu ficava nu ao sol. Quantas vezes, com adoração, beijei o Santo Lótus do Templo, mas o lotus murchava na minha mão! Quantas vezes fui pagar o meu tributo aos altares que o mundo tinha erigido, mas dos quais regressava silencioso e cabisbaixo! Quantas cerimónias celebrei, sem que alguma vez as minhas aspirações fossem satisfeitas! Com quantos ritos me deliciei sem que me tenham feito sentir alegria ou esperança! Em quantos templos fui consagrado, sem que tenha obtido alívio algum! Quantos livros sagrados li, e o Conhecimento sempre me foi negado! Quantas vidas passei em santidade! Mas essas vidas não tinham claridade. Quantas vezes interroguei as estrelas! Mas elas apagaram- se sempre antes de me comunicarem a sua profunda sabedoria. Tanto velei, sondando o vazio, procurando a luz; mas as trevas, as espessas trevas continuavam a reinar. Em muitas vidas, segui deliberadamente, tanto às cegas como já esclarecido, as lições dos modestos mestres das aldei-

as recônditas; mas os seus ensinamentos deixavam-me ao pé da colina solitária. Vivi nobremente e trabalhei afincadamente. Ganhei domínio sobre mim e levei também uma vida contida. Frequentemente, mortificado e derramando lágrimas amargas, suplicava que a mão divina me guiasse, mas mão nenhuma me guiou. Lutava ardentemente contra a humanidade para obter a luz, mas perdia simultaneamente a luz e a humanidade. De olhos fixos no alvo, controlando todas as minhas emoções, buscando a verdade, meditei; mas nada me foi revelado. Quantas vezes tentei afastar-me dos meus irmãos barulhentos, para escapar aos seus pensamentos ignóbeis e mesquinhos, às suas quezílias, às suas paixões vãs ou grosseiras, aos seus desgostos ou pequenas misérias que eles próprios haviam criado para si mesmos, ao seu ódio feroz e à sua piedade imberbe, aos seus afectos pueris e à sua compaixão inconsistente, às suas tagarelices, à sua amizade apaixonada e egoísta, às suas querelas amargas e aos seus regozijos ruidosos; à sua cólera vingativa, aos seus amores insípidos, às suas conversetas sobre os grandes problemas por eles ignorados e à sua ciência das coisas secundárias, à sua vaidade ou ao seu desdém, aos seus galanteios grosseiros e à sua insolência; aos seus desejos de amor e às suas aversões injustificadas; enfim, a tudo o que era

humano. E eu aspirava a tudo o que é grande, nobre e divino. Mas em qualquer sítio onde estivesse ou para onde fosse, sempre a humanidade me perseguia com o espectáculo das suas agonias inomináveis e os seus gritos de desespero.

Amiúde, ia buscar retiro na solidão das clareiras da floresta profunda e aprazível, mas achava-as povoadas pelos meus pensamentos e assombradas pela minha miséria. Frequentemente, estremecia com o espectáculo da beleza do mundo, na vida da suave primavera e do rude inverno, do sol poente, pacífico e esplêndido, dos astros cintilantes nos céus, do despertar da manhã, e do sol agonizante, da terna lua de claridade pálida, do sol impiedoso e das trevas sem fundo, da relva verdejante, das folhagens aveludadas, do tigre feroz, do gamo manso, do hediondo réptil, do elefante cheio de majestade, da magnitude das montanhas, dos mares impetuosos. Saboreei na sua plenitude as belezas que a natureza pode dar, mas não encontrei apaziguamento nelas. Vagueei nos vales sombrios e escalei os montes escarpados. Tudo explorei em vão e no desolamento.

Vezes sem conta, em inúmeras vidas, pratiquei Yoga através da privação, da tortura física, da abnegação, mas não encontrei o Deus vivo. Extingui em mim os desejos e as falsas emoções, vivi de

forma pura segundo os preceitos dos santos livros de muitos povos, executei muitas acções nobres aos olhos dos homens, que me cobriram de glória. Nunca deixei aceder o desespero e a tentação à minha alma dolorosa; na terra, levei a cabo peregrinações aos santos lugares, mas nunca em lugar algum encontrei o reconforto verdadeiro e duradouro. Tive visões nos templos de Nínive[1], da Babilónia e nos templos sagrados da Índia bendita. Adorei os seus deuses, neguei a felicidade terrena, renunciei a meu pai, minha mãe, minha mulher, meus filhos, oferecendo sacrifícios grandes e pequenos, nobres e pueris, sacrificando o meu corpo e até mesmo a minha alma para que a luz me guiasse; foi-me recusado o contentamento em todas as coisas que fiz. Fui impregnado por emanações divinas, aspirei a ser liberto deste mundo de sofrimento. Ajudei muitos irmãos, quando tanta necessidade tinha de ser ajudado; curei muitos, quando tanto precisava de ser curado; guiei muitos, quando tanto precisei de ser guiado; reconfortei muitos, quando tanto precisava de ser eu próprio reconfortado. Mergulhado numa angústia inominável, soube sorrir; estando alegre, soube chorar. Ficava feliz, perdendo e miserável, ganhando, e sempre

[1] Nínive, importante cidade da Mesopotâmia, situada na parte alta do rio Tigre e famosa pelos seus palácios e templos, nomeadamente o Templo de Assur (N. da Trad.)

continuando a estimar o meu Deus. E, no entanto, continuando a minha alma mergulhada no maior caos, era ainda um cego digno de piedade, rodeado de obscuridade e de irreal. A pura luz era-me de novo recusada e continuava a não obter o alívio que cura. A paz de coração era-me de novo negada; não havia para mim felicidade alguma em nenhum lado. Ficava sozinho, sempre sozinho, como o justo errando no céu. Estava só, comigo mesmo.

Por fim, cansado de adorar e de respeitar, esgotado de solidão, cansado de procurar e de aspirar à felicidade divina, cansado dos sacrifícios e das mortificações, cansado de procurar a luz e a verdade, cansado de ser nobre e altruísta, cansado de lutar e de escalar as alturas, mergulhei então violentamente no mundo material, esperando atingir desta forma o inacessível e o impenetrável. Tornei-me jovem e cheio de saúde, belo e apaixonado, livre e jovial, não pensando de forma absolutamente nenhuma no dia de amanhã, livre e despreocupado. Apliquei-me sistematicamente em divertir-me loucamente, com egoísmo, procurando unicamente os prazeres dos sentidos e os entretenimentos mundanos. Tomei a resolução de fazer todas as experiências possíveis nos meios que o mundo cá em baixo podia oferecer-me. Nada devia ser-me recusado; o prazer soberano tornou-se o meu único objec-

tivo. Frequentemente, nasci rico; dormia no colo da voluptuosidade, embalado com lisonjas. Tinha para mim a juventude e a beleza. Com estes dois trunfos, o mundo e os seus prazeres grosseiros tornavam-se-me acessíveis. Em pouco tempo, estava na primeira fila de tudo o que era ruidoso e turbulento. Rodeado por uma juventude licenciosa, entreguei-me aos prazeres inconfessáveis de manhã à noite e mesmo até à madrugada. Era o primeiro em todos os divertimentos; ninguém podia rivalizar comigo nas minhas loucuras. Os prazeres da brilhante Nínive, da faustosa Babilónia, do maravilhoso Egipto e da Índia com céu de fogo, estavam sempre às minhas ordens. Por todo o lado eu era cumulado de honras, louvores e lisonjas. Bebia longos tragos na fonte da alegria e da fruição. Tinha inúmeros escravos e servidores, e nenhum mestre. Os meus desejos nasciam como as flores luxureantes da primavera e eram imediatamente satisfeitos. Nada refreava as minhas loucuras, os meus caprichos. Quando me ocorria uma nova fantasia de luxo, era realizada na altura mais favorável. O amor sob todas as suas formas estava ao meu alcance: nada era sagrado para mim. Profanava tudo, troçando dos deuses mais venerados e tratando com desprezo os homens das classes inferiores. Os vinhos mais generosos e finos estavam sempre à minha disposição, apresentados por

um escravo meu. Saturado de todas as delícias com que um homem civilizado e fazendo parte das nações e das raças mais refinadas do globo poderia sonhar, quis então encarnar como mulher, a fim de poder saborear o êxtase delicado de ser amada por homens apaixonados.

Tive inúmeros adoradores sob a minha varanda, mas nunca me sentia satisfeita com o amor insípido dos que por mim suspiravam. Passava a minha vida, languidamente no seio do próprio amor, reclamando sempre mais e mais. Experimentei todos os sofrimentos de carregar um filho no ventre e de o dar à luz; conheci o desgosto de o perder, as dores e degradações da velhice, a negligência e indiferença dos meus primeiros amantes; fiquei apaixonadamente presa a recordações do passado e lastimei o abandono de amantes há muito desaparecidos.

Por fim, cansada de levar uma vida desregrada, tornei-me uma mulher virtuosa e obtive as delícias do amor puro. Estou no mundo com alegria e sem ter o meu coração atormentado, como outrora, pelo rancor de sofrer pelos outros, quando estava a parir um ser inocente.

Conheci a ternura e os sorrisos ingénuos das criancinhas que se ligam a nós de todo o coração, saboreei os seus beijos queridos e puros, os seus abraços delicados e essa doçura penetrou em mim. Fui uma mulher que amou, uma

mãe terna, gloriosa no seu amor.

Após ter feito a experiência da maternidade, voltei a ser um homem livre uma vez mais, dominado por paixões fortes e brutais. Como os desejos me abrasavam o coração, entreguei-me à luxúria, esquecendo a tristeza e o sofrimento, sem piedade pelos males cuja causa sou eu mesmo: a minha vida é urdida por alegrias egoístas, rica em experiências vis e em prazeres violentos e o mundo material nada pode recusar-me. Mas não sinto satisfação nem felicidade verdadeiras, e o meu coração continua tão vazio e desolado como o deserto árido onde nenhuma criatura que busque beleza e alegria pode viver. Depois de ter saboreado as riquezas, tornei-me um indigente, um pobre diabo, de casa em casa, enjeitado e maldito, imundo, estoirado, hediondo a meus próprios olhos, vaiado e apontado a dedo, esfomeado, sem pai, nem mãe, nem mulher que ousasse tocar-me; deplorável, minado por doenças conhecidas e desconhecidas, de pés ensanguentados; de ombros cobertos por um saco de pano grosseiro em guisa de roupa nos dias de festa, e que fazia as vezes de capa quando soprava o vento, e de capuz quando o ardor do sol me queimava sem piedade. Com um velho cajado na mão, vagueei através das cidades faustosas e inóspitas de muitos países. Os vendedores perseguiam-me com as suas pra-

gas e eu era escorraçado a pontapés pelos homens e mordido por cães furiosos. As pessoas afastavam-se de mim e recusavam-me o pouco auxílio que podiam ter-me dado. As cidades e aldeias eram todas semelhantes, quero dizer, sem piedade, e por todo o lado os homens viam-me passar, de corações empedernidos.

Para passar a noite, abrigava-me em lugares desoladores e distantes, onde homem ou animal algum ousaria aventurar-se, afugentados pelo ar fétido que aí se respirava. A fome roía-me as entranhas sem cessar; tanto era torrado pelo calor do sol, como transido pelo vento glaciar do norte; a geada ressequia-me; tiritava de febre e de fraqueza.

E assim vagueei pela terra inteira sem nunca encontrar um sorriso, uma palavra fraterna, um olhar amigo. Os cães eram mais felizes que eu, porque os alimentavam e acariciavam e tomavam conta deles; mas até mesmo os cães ladravam à minha passagem. Nenhuma casa se abria para mim e os próprios sacerdotes escorraçavam-me dos templos sagrados. As crianças, horrorizadas com o meu aspecto, paravam de chorar. Mal me viam, as mães chamavam os filhos e faziam-nos entrar em casa à pressa. Eu parecia espalhar a peste e a infelicidade e obscurecer a luz do dia. As ribeiras onde eu queria saciar a sede secavam mal me aproximava, as árvores re-

cusavam-me os seus frutos, a terra tremia sob os meus passos, as estrelas encobriam-se ao verem o meu ser desafortunado e a bendita chuva não caía sequer sobre mim para me lavar das minhas impurezas. Desta forma, durante numerosas gerações, entre muitos povos e muitas nações, só e infeliz como uma nuvem isolada escorraçada pelos vento sobre vales e colinas, vagueei, miserável e abominado. Durante séculos, não soube o que era o bem-estar: esgotado, lamentável, repelido como um animal imundo, procurei um abrigo, mas ai de mim!, a solidão e a miséria continuavam a ser o meu fado. Qual folha morta pisada pelos pés, padeci cruelmente na minha prisão de carne, pobre e esfarrapado, sem ódio nem amor, já indiferente ao infortúnio como à dor, vazio de inteligência, esfomeado e sedento: todas as emoções nobres que outrora empolavam o meu coração haviam morrido em mim há muito tempo.

No entanto, se bem que desesperando da minha existência, fugindo dos homens e de ser alvo das zombarias da juventude, no meio desta agonia e aflição extremas, nesta tortura física, estas privações da alma, no horror desta ignomínia e deste sofrimento sem fim, continuava à procura da luz e da felicidade que que me tinham sido sempre recusadas porque ainda não tinha encontrado vez nenhuma a paz interior, estivesse eu

mergulhado num luxo desavergonhado e chafurdando em gozos egoístas, procurando unicamente os prazeres nocivos, ou então tentando levar uma vida nobre e pura, detestando a ignomínia e procurando a verdade em toda a parte...

Entretanto, que luz maravilhosa brilhava então em meu redor, mas que profundas e lúgubres trevas dentro de mim! Amava com um amor puro, eram nobres os meus desejos, estremecia ao escutar o nome de Deus. No entanto, nos asilos da piedade e da inocência, nunca encontrava a felicidade...

Segunda Parte

Numerosas e variadas foram as minhas experiências, os meus pensamentos e as minhas emoções; inúmeras, as minhas paixões bestiais ou nobres, as minhas simpatias subtis e os meus grandes amores, desinteressados ou egoístas. Quantos matizes nas minhas satisfações e nos meus sentimentos nobres e gloriosos! Quantas grandes inteligências ou manhas desprezíveis possuí, ao longo de séculos sem conta! Passei por raças e nações diversas, com múltiplas capacidades, adquirindo o conhecimento que o mundo pode dar àquele que procura e sofre.

Não obstante, onde está essa luz que os Sábios divisaram, dizia de mim para mim, esssa verdade superior a todas as não-realidades; essa misericórdia que alivia todas as mágoas, essa paz interior que traz a felicidade eterna à alma atingida pela dor e essa Sabedoria que guia a humanidade que sofre?

Por toda a parte onde estive, onde quer que tenha procurado às cegas, regressei sempre de mãos vazias e alma inquieta. Como uma criança indisciplinada que se distancia da sua tão querida mãe, perdi-me nos abismos do desespero e do irreal, sempre à procura da grande Realidade. Longe do Caminho solitário, parti, levado por essa aspiração invencível e por essa sede inextinguível, mas a angústia queimou-me e regressei, cabisbaixo. Nem entre os humanos, em lutas uns contra os outros, nem entre aqueles que vivem longe das multidões insanas, encontrei alegria ou satisfação.

Feliz ou infeliz aos olhos dos homens, honrado ou degradado, na mágoa ou no prazer, sentia sempre em mim um vazio horroroso que nada podia preencher, um desejo imenso e insaciável. Cansado, vagueei como um cego, pedindo a todos os transeuntes o bálsamo que podia curar o meu coração dorido: cada um dava o que podia, com um sorriso doce e uma benção, mas sem resolver o problema que me assombrava.

Onde está essa luz, onde se encontra essa felicidade sem limites? Estou cansado; cansado das corridas errantes que fiz durante tantos séculos. Estou esgotado e sem força para continuar a lutar e a combater. Estremeço a cada passo, mal consigo arrastar-me. Perdi, por assim dizer, a vista de tanto ter usa-

do os olhos. Tenho os cabelos brancos, estou esgazeado e decrépito. O orgulho pela vida e a juventude abandonaram-me. Estou duplamente curvado sob o fardo dos séculos e o do sofrimento. A beleza de que tanto me gabava à face do mundo esmoreceu e tornei-me um ser monstruoso. O que se passou, o que se criou ao longo desses longos e terríveis anos de provação, apagou-se da minha memória e a minha indiferença por tudo é absoluta. Neste momento não tenho desejos; nenhuma paixão me arrebata, nenhum afecto me perturba; as emoções perderam toda a sua influência, outrora omnipotente sobre mim. O amor está para trás de mim, perdido ao longe; a embriaguês alegre da acção está abolida em mim; a ambição que excita tantos seres humanos ao trazer-lhes a glória, a honra, escapuliu-se para o passado. O orgulho que faz caminhar de cabeça bem erguida no tumulto das acções nobres ou indignas, desapareceu para sempre; o temor que oprime e subjuga, está aniquilado; a morte, esse terrível e imparcial companheiro de todos os homens, já não me apavora com o seu olhar ameaçador.

No entanto, o descontentamento interior e a aspiração ao inacessível deixam em mim um profundo vazio. Atingirei alguma vez a plenitude da alegria e conquistarei alguma vez a felicidade suprema?

Ó Seres Poderosos, tende piedade do viajante solitário que vogou sobre tantos mares revoltos, atravessou tantas terras e suportou tantas provações! Estou sozinho, vinde em meu auxílio, Vós que sois todos piedade, Vós os bem-aventurados! Vós que eu honrei, adorei, Vós a quem tantos sacrifícios ofertei, Vós por quem tanto sofri a fim de ser digno de beijar os pés sagrados. Reconfortai-me, Mestres da Sabedoria, com os vossos olhares de amor e de bondade. Que fiz eu e que devo ainda fazer para alcançar a glória e a grandeza? Por quanto tempo ainda se prolongará esta impiedosa condição? Quando, ó Mestre, poderei contemplar a Tua beleza sagrada? Terei de andar por muito tempo ainda nesta vereda solitária? Terá um fim esta interminável agonia em que me consumo de Amor por Ti? Porque afastaste de mim o Teu rosto adorável? Onde está o Teu sorriso divino que acalma todos os sofrimentos? Com humildade e angústia servi os Grandes Seres, e as pessoas mais despojadas deste mundo; amei cegamente todas as coisas, pequenas e grandes, e bebi em todas as fontes da sabedoria terrestre. Mas não consegui nunca tocar os Teus pés. Tal como uma bela flor que, ao murchar, perde o seu perfume, a sua beleza e o seu encanto, ou uma árvore ressequida que já não oferece sombra ao viajante exausto, assim é a minha existência melancólica e

desolada. Tudo dei sem restrição e continuei miserável e sem esperança. Apoiei o aflito e guiei o cego, quando eu mesmo estava aflito e cego. Por que não me estendeste a Tua mão caritativa quando vacilei? Estou cansado de implorar, já não tenho esperança; tudo parece estar morto e reina em meu redor a maior escuridão. As minhas lágrimas esgotaram-se e no entanto continuo a gritar para que me oiças na minha infinita aflição... Nenhum transeunte pode vir em meu auxílio no estado lamentável em que me encontro, posto que sou o único nesta vereda longa, longa, que se prolonga como um rio poderoso sem começo nem fim. Vagueio como um insano, sem saber para onde ir, indiferente ao que pode acontecer-me. Estou mirrado até à medula: não podia estar mais queimado pelo sol. A brancura ofuscante que me rodeia é como um oceano sem limite onde mal consigo distinguir o Caminho que conduz à felicidade suprema. Tudo ficou para trás; os meus companheiros, os meus amigos, o meu amor. Estou desesperadamente só.

Ó Mestre de Compaixão, vem em meu socorro e conduz-me desta profunda escuridão até à luz pura que alguns Grandes Seres souberam alcançar. Procuro o Grande Libertador que há-de resgatar-me da roda do nascimento e da morte. Procuro o Irmão que há-de partilhar comigo a sua sabedoria divina; o

Amado que me há-de reconfortar e guiar; procuro repousar a minha cabeça cansada no coração da misericórdia: procuro um refúgio na luz...

Mas o Caminho não responde ao meu apelo desesperado, os céus fechados olham-me com uma indiferença cruel. Não existe nenhum eco de compaixão nas lamentações lúgubres do vento. O silêncio profundo só é interrompido pelo barulho monótono de uma respiração lenta e pelo deslizar de pés cansados. Não há paz: milhares de seres invisíveis rodopiam à minha volta como se quisessem escarnecer do sofrimento do pobre solitário. O momento de silêncio que precede a trovoada constitui o meu único alívio. Só o engolir dos séculos responde às minhas súplicas contínuas; o meu isolamento é completo e atroz.

Há muito que o Caminho deixou de me falar como outrora, quando me ensinava a distinguir o justo do injusto, o verdadeiro do falso, a real do irreal, a grandeza da pequenez. Agora, está mudo como um túmulo. Indicou-me uma parte do caminho, mas o resto tenho de ser eu próprio a descobri-lo; antes de poder abandoná-lo e seguir por uma vereda mais larga e mais luminosa. Não pode entrar lá sem mim, não pode acenar-me como antigamente. Terá de bastar-me apenas a noção da sua direcção, durante longos períodos, através de muitas

tempestades, até eu aportar na enseada eterna.

A vereda que se oferece à minha vista sobe insensivelmente, sem rigidez nem obstáculos, como uma serpente gigantesca cuja cabeça e cauda não pudessem unir-se e que não pudesse medir o seu próprio comprimento: deitada sobre a areia ardente, enfartada de carnificina, jaz adormecida e satisfeita, em plena tranquilidade. Mas eis que, subitamente, o sol me inunda com os seus raios de fogo e escorraça todos os pensamentos do meu cérebro. Tenho um único desejo: encontrar uma sombra deliciosa onde possa deitar por momentos o meu corpo extenuado. No entanto, uma força irresistível impele-me para a frente, sem delongas e obriga-me a andar com passos hesitantes. Não consigo resistir-lhe. Embora fraco e esgotado, obedeço a este chamamento eterno e soberano. Dou um passo, vacilo e caio, como o pássaro rápido atingido pela flecha cruel. Debato-me e perco-me na inconsciência.

Lentamente, prostrado, torno a mim e olho o céu descoberto e luminoso e desejo estender-me de novo e ficar onde estava. Mas a mesma força volta a pôr-me de pé e, como outrora, sou irresistivelmente obrigado a seguir pela Vereda interminável.

Ao longe, ergue-se uma árvore solitária, cuja sombra deliciosa me dá as

boas-vindas. As suas folhas são suaves, frescas e aveludadas, como se o sopro benfazejo da primavera tivesse subitamente despertado para a vida de contentamento os seus ramos mortos e a sua folhagem de um verde mórbido. A sua sombra é densa e protege quem passa dos ardores do sol. Os odores de erva fresca e a árvore protectora parecem sorrir-me e convidar-me a partilhar a sua embriaguês. Uma multidão de pássaros gorjeia, chamando-se. Sem forças, tratei no entanto de aproveitar a benesse inesperada que os deuses me enviavam. Aproximei-me com dificuldade; toda a árvore se curvou para me acolher, dando-me um pouco da sua força vital. Deslizei para baixo da sua sombra perfumada e contemplei-lhe a folhagem verde. O sono e o esgotamento triunfaram sobre mim e adormeci, embalado pelo sussurro das folhas e pelo chilrear dos pássaros.

Estes momentos ditosos, estes momentos de ausência total de qualquer angústia ou sofrimento, descansavam-me dos males das numerosas idades vividas. Esperava permanecer sempre mergulhado nesta luz inefável, embalado pelo suave murmúrio das coisas vivas, apaziguado após tantas tormentas interiores e exteriores. Ah, que bom seria ficar eternamente neste delicioso repouso!

Mas ai!, o Sol inexorável, invejoso

da minha felicidade fugidia, queima-me de novo com os seus raios de fogo. Onde está a minha bem-amada árvore? Onde estão os pássaros chilreantes? Olho para todos os lados: nem vestígios da árvore tutelar. Estou só, mais uma vez. Teria sido um sonho? Teria sido a antiga ilusão a tomar uma forma tangível? Teria sido a piedade de um deus compassivo ou o jogo cruel de um deus maligno? Teria sido a grande promessa anunciada ou uma provação para sujeitar à minha paciência?

Quantas delas não tinha já eu seguido, essas realidades enganosas, que sempre me escapavam quando eu julgava atingi-las! Desta vez, no entanto, acreditei mesmo ter escapado à sua pérfida influência, à sua perseguição cruel, tanta sinceridade tinha eu posto na procura do real, do durável.

A ilusão tinha-me intrujado, então, até mesmo neste lugar isolado e solitário! Com uma prudência infinita, tinha no entanto aprendido a apartar o real do irreal e agora que eu pensava ter alcançado essa arte suprema, de todas a mais difícil, eis que tinha de retomar a penosa ascensão.

Tal como no início do Caminho, um novo ardor vem animar os meus passos, nasce em mim um novo entusiasmo e, tal como outrora, face aos sofrimentos e desgostos, hoje sinto-me pleno de ardor frente ao desconhecido, impaciente por

experimentar de novo as minhas forças na Vereda inflexível. O ardor da luta transporta-me e parto à conquista da felicidade soberana e imortal. A Vereda já não deve voltar a arrastar-me; sem vacilar, corro agora pelo caminho. Já não fico para trás; tornei-me Dono do Caminho. Já não preciso que me estimulem para eu agir, porque me tornei eu próprio a acção. Quero, caminho livremente. A Vereda estende-se, milha após milha, século apos século, mais escarpada, mais abrupta, mais estreita que nunca; serpenteia entre precipícios, deixando para trás todo o passado.

Mesmo lá ao fundo, abaixo de mim, estende-se o mundo da desolação e da tristeza infinita onde a Ilusão, sob todas as formas, sob todas as aparências possíveis, rege as Forças desacorrentadas.

A esta altitude reina um silêncio absoluto e acolhedor; no entanto, como avanço sem cessar no caminho abrupto, a nova alegria morre outra vez em mim, os meus pés cansados tornam-se hesitantes como anteriormente e anseio por reencontrar a árvore amada que me tinha feito partilhar a sua sombra venturosa e o canto alegre dos seus pássaros; essa árvore fantasma tinha-me dado apenas um momento de felicidade fugaz, é certo, mas essa alegria, por efémera que fosse, tinha-me confortado. Suplico aos deuses favoráveis que me devolvam essa sombra, esse canto, esse compa-

nheiro que embale o meu coração atormentado. Sejas tu quem fores, Miragem gloriosa e querida, lembra-te do viajante cansado que por uma hora se aninhou nos teus braços e acolhe-o mais uma vez para que ele esqueça e se retempere de novo no teu repouso tão delicioso como ilusório.

Atende outra vez a minha súplica e hei-de bendizer-te para sempre! Estou cansado, vem ajudar-me, Beleza passageira! Adormece-me com os teus falsos murmúrios, encoraja-me com as tuas pérfidas lisonjas! Estou esgotado pela fadiga e pelas súplicas e oprimido pelo desespero.

Ao longe, um ramalhete de árvores rodeia uma casa graciosa, com um jardim fresco e pleno de aromas. Associo-me à alegria e aos risos de belezas sedutoras. As suas vozes suaves e a sua música feiticeira pacificam-me. Regressa a tranquilidade, a calma, o completo esquecimento. Sinto-me feliz, porque encontrei nesta morada a felicidade que persegui durante inumeráveis épocas: apreendi finalmente a realidade. Mas...estarei verdadeiramente satisfeito? Não tenho tudo aquilo que desejei ter? Então, porquê continuar a sofrer? Porquê continuar a lutar? Há aqui um elixir para o coração enfermo, um conforto para o infeliz.

Quantos dias ou séculos permaneci nesta morada efémera?, não saberia

dizê- lo ; poderei eu alguma vez avaliar, verdadeiramente, os momentos felizes ali vividos?

Mas o inextinguível desejo retoma vida mais uma vez: despertou nos recônditos do meu coração e tortura-me. Não posso continuar por mais tempo nesta casa alegre; não encontrei nela o contentamento que me prometia; sob este tecto, não há felicidade nem paz para mim. Fui foguete das ilusões. Alimentei-me de mentiras. Tinha sido atraído pela luz da falsa razão e, como outrora, fiz adorações num templo de trevas.

Assim, após tantos milénios, após tantos esforços, enganei-me a mim próprio, e mais uma vez fui vítima dos deuses trocistas. Devia continuar a caminhar em frente, continuar a enfrentar o Caminho inflexível?

Uma vez mais, eis-me penetrando numa irradiação ofuscante; uma vez mais, sinto ter forças para retomar a longa viagem. Um novo entusiasmo e esperanças novas elevam-me; a minha coragem renasceu. O velho Caminho dos inúmeros séculos sorri-me uma vez mais e promete conduzir-me até à Luz.

Pareço uma grande árvore curvada por ventos impetuosos, que se endireita quando regressa a calma e que, de cabeça erguida, fixa de novo os céus insondáveis e desafia o sol ofuscante. Uma vez mais, o orgulho do isolamento que

me afasta dos vãos prazeres da multidão banal faz vibrar todo o meu corpo. A solidão na qual estou mergulhado é como um vento fresco vindo da montanha. Uma vez mais, anseio ardentemente triunfar sobre a tristeza e atingir a libertação gloriosa. Feliz aquele que luta!

Terceira Parte

A vereda longa e sinuosa desenrola-se diante de mim no caminho deserto; nada vive, nada, para além do viajante. O meu coração palpita na expectativa de uma nova vitória, estou intrépido como um conquistador que entra orgulhosamente numa cidade tomada de assalto. Anseio por batalhas mais sérias e difíceis e lamento que elas me faltem. Subitamente, uma calma solene e grave obscurece a minha alegria e oprime o meu coração. Sou como que esmagado pela imensidão e pelos céus impiedosos; a meus olhos já não existem nem a glória nem o orgulho da vitória, e a terrível solidão oprimem-me cada vez mais. Mas o invencível desejo de atingir o objectivo ainda persiste em mim, com a indomável vontade de vencer. Há quantos séculos estou a caminho? A minha memória turva recusa-se a suportar esse número.

A Vereda está tão cansada como aquele que a percorre, e ambos ansei-

am pelo final, mas a vontade daquele que conduz é tão firme como a do que é conduzido. De cada lado do caminho, em intervalos regulares, elevam-se as árvores majestosas que balançam os cimos prateados ao sol, esquecidas de que, também elas, foram outrora semelhantes às plantas. Ali, moram pássaros de todas as espécies, de todas as cores, de todos os tamanhos: os seus cantos alegres ou queixosos ressoam nos meus ouvidos que, após longas épocas, não ouviram senão o barulho monótono dos meus passos.

Estas criaturas alegres assustaramse com a minha chegada, mas continuam a cantar olhando-me com uma suprema indiferença. Sob a sombra que abriga, a erva balança ao ritmo do vento que brinca entre as folhas. A árvore vigorosa, os pássaros encantadores, a erva tenra, tudo me acolhe e promete embalar o meu sono. Tudo isto é tão secreto, tão perfumado, tão repousante para a minha vista cansada, que estou prestes a ceder à tentação. Mas eis que em mim se evoca a lembrança de outras árvores, outros pássaros, outras sombras, tão acolhedores e deliciosos como estes, mas quão decepcionantes! Espantada, a minha bem-amada Vereda sorri, observando os meus actos e gestos para saber se optarei, de novo, pela fruição. Ah, a frescura dessa árvore, a delícia do canto desses pássaros, o suave murmúrio dessas

folhas! Ah, deixem-me repousar, por um instante que seja, antes de retomar o meu caminho!

O sol está tão quente, e estou tão cansado, e o meu coração tão mortificado por esta longa viagem! A sombra fresca não pode fazer-me mal. Ó vereda inexorável, concede-me este segundo de felicidade! Há séculos que conheço tantas noites sem sono; invejas-me ou negas-me este momento de repouso? Não podes outorgar-me este favor único e digno de interesse? Para onde se escaparam o teu amor, a tua simpatia infinita? Suplico-te que não te afastes de mim, mas que escutes a minha súplica.

Reina um profundo silêncio. O vento deixou de brincar nas folhas. Os pássaros estão mudos, mudos como a morte, e a grande árvore mergulhada num profundo devaneio. A sombra tornou-se mais densa, reina a maior calma e uma enorme frescura. A erva tenra olha-me de forma interrogativa e procura, com os seus pequenos pensamentos, a causa da minha insólita hesitação, e cada uma das suas hastes sussurra um encorajamento dirigido a mim. A Vereda das numerosas experiências e do alto conhecimento sorri às minhas hesitações e às minhas lutas; e nesse sorriso não há encorajamento nem satisfação. É o sorriso neutro da sabedoria e do conhecimento, que me diz: «Faz o que te parece bem, mas o arrependimento aí está à

tua espreita». A minha escolha está feita. Tal como a névoa matinal, suavemente dissipada pelos primeiros raios do sol nascente, assim a bela árvore da fruição se vai desvanecendo gradualmente a meus olhos, os pássaros cantores levantam voo como quando se aproxima uma trovoada, e a erva verde fica ressequida sob os raios ardentes do sol. Não subsiste senão um vestígio do passado: a Vereda. Ela prolonga-se e eu sigo-a humildemente. Ao longo do caminho, em intervalos irregulares, oferecem-se árvores que me convidam a saborear os seus frutos aromáticos e saborosos e a deleitar-me com eles. Suavizariam a minha garganta ressequida e matariam a minha sede ardente. Mas a minha Vereda é rigorosa, e dispenso-os. Mais longe, explêndidos palácios, locais de prazeres e delícias, com portas sempre escancaradas, convidando o peregrino cansado a entrar. Um século, muitas vidas me separam dessas moradas, o viajante cansado irá ser mais uma vez vítima dos seus engodos? Sem me cansar da sua hospitalidade enganadora, quantas vezes hesitei na entrada, penetrando ali por vezes, saindo envergonhado, feliz por caminhar de novo na Vereda queimada pelo sol. Eu entrava nessa casa de paixões violentas e egoístas, prazeres grosseiros, ignomínias, e deleitava-me com tudo o que ela podia oferecer-me. Também frequentemente, com passos hesi-

tantes, passava frente a essa residência de sombras vãs, frente à da saciedade, de felicidade fugidia, à da lisonja e à do ensino em que o conhecimento dos feitos passageiros e falsos contenta o ignorante. Eu era atraído para a casa do amor que limita, que é egoísta e ruim, que tudo esquece, salvo a si mesmo, do amor que se apaixona, que deseja, do amor limitado do pai, da mãe, da irmã, do irmão e do filho; do amor que consome lentamente e sem piedade os sentimentos mais nobres, o amor que se contenta com coisas mesquinhas. Transpus muitas vezes o limiar da ignorância feliz, o limiar brilhante da lisonja vã, o limiar triste do ódio negro e da astúcia enganadora.

Quantas vezes sucumbi às tentações da intolerância sempre renascente, do patriotismo ruidoso que engendra o ódio peçonhento e belicoso, do orgulho solitário e gélido que permanece inacessível. Tinha-me instalado na estalagem da amizade exclusiva e ciumenta – na estalagem do vício escondido e atraente, da falsa sabedoria, intransigente com tudo salvo com a sua própria filosofia mesquinha–na estalagem do ensinamento tacanho que pouco sabe, mas que condena com alarido tudo o que está fora do seu alcance.

Penetrei nos santuários de muitas religiões que vivem entre as suas pare-

des acanhadas, maculadas de superstições obscuras, adorando falsos deuses, sacrificando criaturas inocentes nos seus altares, empenhando-se em guerras religiosas fúteis e ordenando perseguições atrozes. Procurei a luz, vagueando em casas obscuras, mas...ai!, mais não fiz que perder-me como um cego!

Só a Vereda querida e bondosa me compreende, sempre que, cabisbaixo e de coração envergonhado, regresso a ela; acolhe-me e promete ser sempre a minha guia e eterna amiga.

De cada lado do longo caminho, podem surgir numerosas tentações sem conta, sob as formas mais atraentes. Não quero sucumbir-lhes mais; que outros se deixem seduzir, eu quero seguir o meu Caminho. Tenho apenas um desejo: descansar, beber longos tragos na nascente há tanto prometida e saciar a minha sede na fonte, à sombra. Mas mal os meus olhos tentam divisar ao longe, são retidos por objectos enganadores. Só uma vez consegui falar tranquila e demoradamente com a minha companheira solitária, a Vereda; mas tornou a ficar muda, sufocada pelo barulho em redor. Só uma vez reinou a paz absoluta, mas desde então o silêncio sagrado deixou de ser audível para mim, por causa da linguagem profana da multidão. No entanto, no meio do tumulto do mundo e do falatório inces-

sante, a minha Vereda continua a treinar-me, e eu sigo-a sem mais subterfúgios.

Não poderei dizer durante quanto tempo viajei no país da fantasia; no entanto, um dia, num impulso de resolução viril, aderi finalmente à minha Vereda. Continua a subir, desesperadamente, e eu, de membros quebrados, continuo a percorrê-la penosamente, sem me desviar dela, para regressar ao vale tenebroso.

Durante séculos lutei, resistindo às inclinações e aos prazeres passageiros; no entanto, sempre e sem darem tréguas, surgem diante de mim, para me seduzirem, novas e múltiplas formas de tentação. É certo que nunca mais pretendo ser vítima delas, e apesar disso... Ó deuses cruéis, não terão nunca fim esta miséria, esta deslealdade, estes desejos efémeros? Há quantos séculos caminho nesta Vereda da justiça, cujo fim ainda não se divisa? O único objectivo a atingir seria, então, pôr à prova a minha resistência às provações? Não, não pode ser isso, pois outrora, num tempo já muito distante, vislumbrei o cume da iluminação. Mas durante quantas encarnações terei ainda que vaguear na mágoa e tribulações até atingir o portal da Felicidade? Sem queixume e sem curiosidade, sou forçado a continuar durante mais um século a escalar a Vereda. Estou cansado, o meu coração san-

gra por causa de toda a miséria, todos os sofrimentos que suportei.

As esperanças vãs e as promessas falaciosas sustiveram-me, embora o eterno tivesse sido o objecto de todos os meus desejos; as minhas apalpadelas cegas para encontrar a verdade tinham sido perseverantes e o meu entusiasmo ardente e inextinguível. Não podia a minha Vereda bem-amada levar-me até ao cume da montanha, como sempre me prometeu?

Após uma espera tão dolorosa, a Vereda continua a conduzir-me para a Ilusão? Porquê? Que fiz eu, ou então que me terei eu esquecido de fazer? Que ninharias negligenciei, que sacrifícios terei ainda de oferecer, que maiores agonias terei de suportar? A quantas purificações mais terei ainda que ser submetido e qual é a experiência de maiores torturas que me está reservada antes de atingir a morada bendita do Conhecimento puro e da Felicidade sagrada?

A mãe que me trouxe no ventre não sabia de certeza o que estava a fazer. Ah, se soubesse, o leite com que me alimentava com tanto amor ter-se-ia transformado em veneno, e poupar-me-ia a estas torturas intermináveis. Ficaria feliz se pudesse pôr- lhes cobro à hora do crepúsculo; mas não será infantilidade lamentarmo-nos do inevitável?

A minha querida mãe foi irrepro-

vável, e é insensato revoltar-se contra as provações da evolução. Esta luta tem de ter fim, porque a porta do conhecimento pode ser alcançada e aí brilhará a Luz que guia, a Verdade que tranquiliza, o ensinamento que leva à felicidade perfeita sem mesclas.

Ah!, já não posso gemer mais, o meu corpo está demasiado debilitado para resistir por mais tempo ao desgosto, a minha força vai esmorecendo pouco a pouco, todo o meu ser se revolta contra este vazio cruel. Não poderia Deus volver o seu olhar compassivo para o viajante solitário e esgotado?

Mestre da Sabedoria, apiedai-vos dele, concedei-lhe essa graça infinita, única que pode curar e levar a luz ao que titubia nas trevas. Ó vós, noites frescas, obrigai o sol ardente a afastar-se daqui e vós, nuvens sombrias, encobri os seus raios abrasadores. Onde estão a mão forte que poderia conduzir e apoiar-me, a voz que saberia reconfortar e encorajar-me, o beijo que me faria esquecer? Fui, então, abandonado? Lanço um apelo supremo com a voz agonizante.

Responde-me apenas um silêncio absoluto.

A minha querida Vereda sorri-me piedosamente, e por todo o lado, até nas casas barulhentas, reina a calma inquietante de uma noite em que se perpetraria um crime, ou na qual as queixadas

pesadas dos túmulos se entreabrissem num bocejo forçado.

No limite das minhas forças, vacilo. Aproxima-se o fim da minha existência. No meu pensamento, tenho a visão de um céu onde reinaria a paz perfeita, de um albergue delicioso para o viajante fatigado. Durante quantos séculos ainda terei de suportar esta dor na minha mente, esta contínua maré de descontentamento, estes restos do passado por saldar, estes sofrimentos no meu corpo? Infelizmente!, não conseguiria prevê-lo...

Tão longe quanto os meus olhos podem abarcar, não diviso senão coisas ilusórias. No entanto, a cada passo dado, cresce em mim a convicção de que o término da longa viagem se aproxima; tal como um barco acercando-se do porto. Possam as divindades que nos guiam impelir-me em direcção ao meu destino!

Subitamente, a atmosfera ficou calma, sem uma brisa como num momento de espera solene, e reina o silêncio, semelhante ao que se segue a um belo pôr-de-sol, quando o mundo inteiro mergulha numa adoração muda.

É um silêncio profundo, semelhante ao de uma noite estrelada quando as estrelas distantes enviam beijos umas às outras através da imensidão. Reina uma acalmia inusitada semelhante a um fim de trovoada brusco; sente-se uma imensa paz, como se estivéssemos no átrio de um templo sagrado.

Dentro de mim, a dor e a tristeza do passado estão parcialmente adormecidas e, quando os meus olhos se fecham, flutua no ar um murmúrio suave e doce. Todas as coisas animadas e inanimadas repousam das suas lides. O mundo inteiro está mergulhado num sonho pacífico. O sol, cujos raios abrasadores me queimaram impiedosamente durante tantos séculos, é subitamente misericordioso, e cria-se em redor uma frescura semelhante à das florestas profundas. A Divindade tomou forma no meu interior. Não obstante, a Vereda tornou-se muito mais escarpada, e eu continuo a árdua ascensão. Enquanto escalo esta colina, as inumeráveis moradas da concupiscência e das paixões dissipam-se; as árvores verdes escasseiam cada vez mais e como estou a chegar ao cume, as atracções do mundo desaparecem de vez...

O Caminho continua a subir a direito, mas o ar tornou-se mais fresco, a ascensão mais fácil. Uma força enorme enche o meu ser, e avanço com um entusiasmo crescente.

Lá longe, ao fundo, a minha Vereda mostra-se-me pelo meio de um bosquezinho. Não me atrevo a olhar para trás nem para os lados, porque o Caminho ficou parigosamente estreita.

Transponho esta passagem arriscada como num sonho, de olhos fixos na visão longínqua, mal vendo por onde

ando. Estou num êxtase indizível, pois a visão velada que brilha diante de mim preenche a minha alma com uma esperança derradeira e imensa. Com uma passada ligeira, precipito a minha marcha, temendo que a feliz visão possa dissipar-se e escapar-me como já tantas vezes aconteceu...

Não há nenhum peregrino na minha frente, e no entanto o Caminho é suave, está unido e por assim dizer gasto por milhares de passos que o percorreram durante inúmeras épocas; brilha como um espelho. É escorregadio. Subo-o como em sonhos, temendo despertar para realidades enganadoras. A visão continua clara e torna-se mais nítida à medida que me aproximo com rapidez.

Os deuses misericordiosos responderam finalmente à súplica que lhes fiz, na minha solidão. A minha triste e longa odisseia chega ao fim e a etapa gloriosa está próxima.

À frente, bem longe, abrem-se outras veredas e outras portas onde irei bater de coração alegre e com mais segurança. Deste local posso enumerar todos os Caminhos que se estendem à minha frente. Convergem todas para o mesmo ponto, embora estejam separadas por grandes distâncias: são numerosos os peregrinos que caminham nessas veredas solitárias e cada um deles sente-se orgulhoso da sua solidão cega e da sua separatividade insana.

Tal como eu, desviaram-se para a sua veredazinha pessoal, abandonando e repelindo a estrada grande.

Na sua ignorância, lutam às cegas, caminhando na sua própria sombra, agarrados às suas verdadezinhas a que chamam obstinadamente a Grande Verdade. A minha Vereda, que me guiou através das regiões encrespadas de montanhas, continua do meu lado. Derramando lágrimas de felicidade, contemplo esses viajantes extenuados. Meu querido, o meu coração despedaça-se com esta imagem cruel, porque não posso descer para lhes dispensar a bebida divina, a única que podia estancar-lhes a sede que os consome.

Têm de ser eles próprios a descobrir a fonte eterna. Mas, ó Deus de amor, não poderia eu ao menos tornar-lhes o Caminho mais suave e aliviar-lhes os sofrimentos e a tristeza que a si mesmos criaram com a sua inconsciência e indolência?

Vinde aqui, vós que estais atribulados, e entrai comigo no Templo do Conhecimento e nos oásis da imortalidade. Contemplemos a luz eterna, a luz que difunde a paz, a luz que purifica. A verdade radiosa brilha, resplandecente, e nós não podemos continuar cegos por muito tempo, nem continuar a caminhar às apalpadelas nas regiões tenebrosas. A nossa sede será saciada para sempre, pois beberemos na fonte da Sabedoria.

Sou forte, já não hesito. A centelha divina derramou-se em mim. Num sonho lúcido, contemplei o Mestre de todas as coisas e irradio a sua alegria eterna. Mergulho o meu olhar no Oceano sem fundo do Conhecimento e contemplo todos os seus reflexos. Sou uma pedra do templo Sagrado. Sou o humilde tufo de ervas ceifado e esmagado pelos pés. Sou a árvore grande e hirta que corteja os céus. Sou o animal acossado. Sou o criminoso amaldiçoado por todos. Sou o nobre honrado por todos. Sou a tristeza, o desespero, o prazer por uma hora, as paixões, os êxtases, o rancor amargo e a compaixão infinita e alternadamente o pecado e o pecador. Sou o amante e o próprio amor verdadeiro. Sou o próprio amor. Sou o santo, o adorador e o crente. Sou Deus.

Z. C.